Pepetela

*A Geração* *da utopia*

A CASA
(1961)

 Portanto, só os ciclos eram eternos.

 (Na prova oral de Aptidão à Faculdade de Letras, em Lisboa, o examinador fez uma pergunta ao futuro escritor. Este respondeu hesitantemente, iniciando com um portanto. De onde é o senhor?, perguntou o professor, ao que o escritor respondeu de Angola. Logo vi que não sabia falar português; então desconhece que a palavra portanto só se utiliza como conclusão dum raciocínio? Assim mesmo, para pôr o examinando à vontade. Daí a raiva do autor que jurou um dia havia de escrever um livro iniciando por essa palavra. Promessa cumprida. E depois deste parêntesis, revelador de saudável rancor de trinta anos, esconde-se definitiva e prudentemente o autor.)

 Era um dia particularmente luminoso e quente para um abril lisboeta. Na véspera tinha chovido toda a noite, o que era próprio da estação, mas hoje o sol nascera num céu tão azul que até doía não poder voar. Sara abriu os braços descobertos. Inútil, não nascera pássaro.

 Decidiu caminhar um pouco, até à próxima paragem do autocarro, para gozar o sol e o calor. Ali, perto do Hospital Universitário, havia pouca gente nas ruas. Gente bisonha, que ia para o hospital ou dele vinha. Preocupados com alguma doença, real ou suposta. Se não têm nenhuma, preocupam-se pela que terão no futuro. O português precisa sempre de qualquer coisa para estar melancólico. E se não for a saúde, é a família, ou então o emprego. Povo triste, pensou Sara. É do regime político ou é a essência da gente? Não vamos também culpar o salazarismo por tudo. O próprio Salazar já era tristonho, cinzento, antes de criar o seu cinzento regime. Regime de eclesiásticos e militares graves, o que convém para um povo de camponeses com pouca terra. Assustou de repente: estas ideias não serão reacionárias? Tinha de perguntar ao Aníbal, ele era obrigado a ser especialista dessas coisas. Mas que são tristes, são. Que diferença com a esfuziante alegria dos africanos, o que os faz passar por irresponsáveis. Também não era verdade. O Aníbal, por exemplo, sempre agarrado aos livros e às ideias, não era um tipo alegre. E era de Luanda, a cidade das mil loucuras... Malongo sim, Malongo era um tipo alegre, até demais. Sara sorriu para o céu, para as pessoas que nela não reparavam, metidas para dentro.

 Chegou à paragem. Duas mulheres à espera, vestidas de negro, com um lenço negro na cabeça. Vêm dum enterro ou do campo? Talvez da missa. Ou então vestem assim mesmo, porque são viúvas. Trazem luto por familiares mortos em Angola, com o levantamento do Norte? Rejeitou a ideia. Não têm morrido tantos como a propaganda oficial proclama. Convém a Salazar criar o clima de histeria coletiva, centenas e centenas de brancos trucidados pelos terroristas, Angola é uma fogueira imensa, temos de defender a Pátria e os portugueses. Para Angola em Força! A propaganda estava a resultar, tinha de reconhecer. Um espesso clima de suspeição se abateu sobre os africanos em Lisboa. Passaram a cochichar quando antes discutiam a altos gritos, sempre com gargalhadas no meio. E a população passou de repente a olhá-los com hostilidade. Não em relação a Sara, que era branca, e portanto considerada à partida uma boa portuguesa. Os negros e mulatos eram quase apontados a dedo, nos cafés, nos cinemas, na rua. Traziam na cara os estigmas que os denunciavam como potenciais terroristas. Esses brancos ainda não inventaram uma tinta que dê para a malta se pintar e ficar como eles, dizia Malongo, encontrando ânimo para brincar.

 O autocarro chegou. Felizmente era de dois andares, dava para ir lá em cima e gozar melhor o espetáculo de Lisboa ao sol. Sentou nos lugares da frente, esticou as pernas. O Campo Grande e a Avenida da República desdobraram-se aos seus pés. É bonita essa cidade, não há dúvida. Fazia a concessão, quando quase tudo em Lisboa lhe desagradava. Logo temperou. Também não conheço outras grandes cidades para comparar. Nascida em Benguela, feito o final de liceu no Lubango, viera há quase seis anos para Lisboa estudar Medicina. O barco parou um dia em Luanda, os parentes do pai levaram-na a passear. Tragou com avidez todas as impressões, tentou fixar a cor vermelha da terra e o contraste com o azul do mar, o arco apertado da baía e o verde da Ilha, as cores variegadas dos panos e os pregões das quitandeiras. Sabia, começava o exílio. Essa ideia do exílio que se impregnou nela ao sair de Luanda fê-la chorar, quando o barco se afastou da baía iluminada à noite. Muito tempo ficou na amurada, olhando e respirando pela última vez as luzes e os odores da terra deixada para trás. Impressões que nela permaneciam, intactas, avivadas a todo o momento pelos angolanos vivendo na capital do império. Lembras da Sofia do Bairro Operário?, perguntava um. Na rua dela, duas casas depois, não tem uma casa azul, onde morava a Rita? Não, não há casa azul no BO, todas são amarelas. Há sim, a casa da Rita é azul. E ela ouvia, e revia as ruas que só fugazmente percorrera, e é como se tivesse sempre vivido nelas. O mesmo se passava com Benguela e com Malanje, e toda Angola. Cada um ficava agarrado às suas recordações da infância e transmitia aos outros, que as viviam como próprias. E a ideia cada vez mais mítica da terra longínqua, feita de impressões misturadas, em que se cruzava a cadência do kissanje com as frutas do planalto e as zebras do deserto do Namibe. A distância emprestava às coisas o tom patinado da perfeição.

 Foram anos de descoberta da terra ausente. E dos seus anseios de mudança. Conversas na Casa dos Estudantes do Império, onde se reunia a juventude vinda de África. Conferências e palestras sobre a realidade das colónias. As primeiras leituras de poemas e contos que apontavam para uma ordem diferente. E ali, no centro mesmo do império, Sara descobria a sua diferença cultural em relação aos portugueses. Foi um caminho longo e perturbante. Chegou à conclusão de que o batuque ouvido na infância apontava outro rumo, não o do fado português. Que a desejada medicina para todos não se enquadrava com a estrutura colonial, em que uns tinham acesso a tudo e os outros nada. Que o índice tremendo de mortalidade infantil existente nas colónias, se não era reflexo direto e imediato duma política criminosa, encontrava nela uma agravante e servia aos seus objetivos. E demonstrou essas ideias numa palestra que fez com um médico cabo-verdiano, no ano passado. Palestra prudente, com cuidadosa escolha das palavras, que lhe valeu muitos aplausos no fim, mas também uma chamada à PIDE, a polícia política, para advertência. Agora tens ficha na PIDE, cuidado, avisou Aníbal. Os pais lá em Benguela souberam do caso, por vias que só Deus talvez explicasse. Lá veio a carta, pagamos-te os estudos para seres médica e não para defenderes ideias comunistas. Não ponham adjetivos ridículos, são ideias justas, respondeu ela, sabendo que não os convenceria.

 Mergulhada nas recordações, nem se apercebeu da cidade. Desceu na esquina com a Duque d’Ávila, avançou para o Arco do Cego. Passou pela Casa dos Estudantes, entrou no café Rialva, ponto de encontro obrigatório. Cumprimentou o dono, o senhor Evaristo, rosto vermelho e simpático, olhou para as mesas. Quase todas ocupadas por estudantes, esperando a hora do almoço na cantina da Casa. Malongo não estava. Vítor Ramos fez-lhe sinal, ela aproximou-se.

 – Bom dia, Vítor. Não viste o Malongo?

 – Senta, Sara. Ele foi treinar de manhã. Deve estar a chegar. Vens almoçar connosco?

 – Ele devia apanhar-me à frente do hospital. Como sempre, atrasou-se. Talvez almoce convosco, apesar de ter comida em casa.

 Vítor Ramos, que um dia adotaria o nome de Mundial, vivia com Malongo no mesmo quarto alugado a uma senhora da Rua Praia da Vitória. Malongo viera primeiro, há cerca de quatro anos, jogar futebol e estudar. Conseguira emprego num clube grande, o Benfica, e alugara o quarto. Mas não conseguia ascender à equipa principal e o salário não era grande. Com os treinos constantes, deixou de estudar. Os amigos insistiam para ele ao menos terminar o liceu. Nada feito. Chumbava regularmente no último ano. Vítor chegou um ano depois, Malongo simpatizou com ele, propôs-lhe partilharem o quarto, sempre ficava mais barato. A senhora aceitou um complemento, eu gosto muito de pretinhos, fazem barulho às vezes mas são muito bonzinhos. Vítor parecia seguir as pisadas do mais velho e reprovou logo no primeiro ano de Veterinária. Conseguiu êxito na repetição, mas voltou a chumbar no segundo. Parece feitiço da Rua Praia da Vitória, dizia Malongo, temos de queimar umas ervas para aplacar os maus espíritos.

 Sara perguntou-lhe pelos estudos, ao que ele respondeu com o invariável vão bem. E retribuiu a pergunta, ouvindo o que já sabia, ela teria o canudo em julho, se não houvesse terramotos.

 – Agora sim, já te podemos chamar de senhora doutora. É bom, pois vais tratar da malta.

 O que ela já fazia. Não só ajudava o médico da Casa, nas horas regulares de consulta, como também aconselhava um ou outro amigo, ali mesmo, no café. Ela e outros finalistas de Medicina. Primeiro a medo, sentindo o peso da responsabilidade, depois cada vez mais segura de si. Essa confiança foi-lhe transmitida pelo Dr. Arménio, o médico da Casa, que apesar de brincalhão, sabia ser sério quando era preciso. Fazia pois duplo estágio, no hospital e na Casa. Preferia este último, sem dúvida. Por se tratar de ajudar os conterrâneos? E por causa da personalidade do Dr. Arménio, um nacionalista declarado que não cobrava as consultas aos africanos.

 – O Malongo nunca mais vem – disse ela. – Os treinos não duram tanto.

 – Deve ter tido outra coisa a fazer. Descansa, ele aparece para o almoço.

 Vítor deixava de ficar à vontade quando se falava do Malongo. Deve estar a esconder qualquer coisa. Que anda Malongo a fazer? Política não é de certeza, ele não se mete em nada, só manda umas bocas de vez em quando. Um encontro com uma miúda? É bem capaz, o sacana. Não gostou da ideia. Oh, pode ser outra coisa sem importância, também não vou fazer um drama.

 – Mas estás mesmo a estudar, Vítor? Os exames vêm aí.

 – Bem, tenho estudado. Mas ultimamente, sabes, com todos esses acontecimentos, deve haver poucos que estão mesmo a estudar. Uma pessoa pensa, pensa... A cabeça está virada para outras coisas.

 – Sim, não é o melhor momento para se prepararem exames. Mas tem de ser. Há que fazer um esforço.

 Para ela também não era fácil, sobretudo quando se tratava de preparar o relatório do estágio. O que se passa realmente na terra? O que é verdade e o que é propaganda do regime? E como estão os pais lá, confrontados com uma guerra? Pois é duma guerra que se trata, diga o governo o que disser. As notícias enchiam páginas dos jornais, mas as informações eram poucas. A censura estava a trabalhar a triplo vapor, as tesouras nunca funcionaram tanto como agora. Os jornais enchiam-se de discursos patrioteiros, Portugal é uno e indivisível, de declarações de apoio ao regime, mas pouco de concreto sobre os acontecimentos. Sabia-se que o Norte se tinha revoltado em nome duma antes desconhecida UPA e de Lumumba, que era uma esperança de futuro. Tudo começou em 15 de março. Não, antes, em 4 de fevereiro, houve ataques às prisões de Luanda para libertar os presos políticos. Seguiu-se uma repressão terrível em Luanda, falava-se de milhares de mortos entre os nacionalistas. Aí também mistério, quem executara as ações, qual o seu objetivo? Depois foi março no Norte. Um levantamento contra os brancos, os fazendeiros de café eram mortos e as povoações saqueadas. Era pelo menos essa a propaganda do governo. Informações recolhidas pelos estudantes em outras fontes confirmavam a versão do governo. Mas não seria só intoxicação? O certo é que não se sabia mais nada dessa UPA senão que queria expulsar todos os brancos e mulatos de Angola. Sara não podia estar de acordo. Os amigos também não estavam, queriam um programa político consequente. Nessas conversas e ideias passavam os dias, fazendo suposições. Dava mesmo para estudar? Para Vítor era certamente pior. Vinha do Huambo, onde não se tinha notícia de grandes convulsões. Mas a repressão devia estar a agir também. E ele sofria o racismo exacerbado pela propaganda em Portugal. Sara bateu-lhe na mão.

 – Não é fácil, não. Mas ajudas mais a terra estudando do que ficando desesperado, sem nada fazer senão especular.

 – Eu sei – disse ele com um sorriso. – Mas não te ofereci nada. Queres um café?

 – Não, deixa. E vem aí o Malongo.

 Ele entrou com o seu passo gingão. Era grande e forte, a cara toda aberta num sorriso. Deu uma palmada no ombro do dono, como vão os ossos, sô Evaristo? E quase atirou com a bandeja do outro ao chão. Equilibrando dificilmente a bandeja com os cafés, Evaristo sorriu, olhe que me quebra a casa. Mas mesmo que os cafés tivessem caído, o dono ia-lhe perdoar, então não eram os dois do Benfica? Malongo dirigiu-se para a mesa, deu um sonoro beijo na boca de Sara, que queixou estive à tua espera.

 – Pois é. Mas sabes, no autocarro encontrei um patrício que não via há tempos e ele esteve a contar-me coisas de Malanje. Ficámos aí a beber uma cerveja. Ele veio de lá agora. Desculpa, mas tinha que ter notícias.

 Até podia ser verdade, pensou Sara. Com Malongo nunca se sabia onde começava a mentira ou a brincadeira. Vítor perguntou logo o que o outro tinha contado, também há guerra em Malanje? Talvez para desviar a conversa.

 – Bem, ele saiu antes de começar o kibeto, saiu em fevereiro. Havia era montes de prisões, em Malanje e em Luanda. O Riquito, um meu amigo, foi preso em Malanje. Na Baixa de Kassanje antes houve mesmo bombardeamento de avião. Mataram montanhas de camponeses. Diz que em Luanda toda a gente anda apavorada, os brancos por causa dos negros e os negros por causa dos brancos. Os brancos estão a mandar embora os criados negros, têm medo que os envenenem.

 – E da UPA? – perguntou Sara.

 – Sabe tanto como nós. Só ouviu falar aqui.

 – E quem fez os ataques em Luanda, em fevereiro? Nessa altura estava lá.

 – Nada, não sabe. Falava-se de um padre que era o chefe. Mas toda a gente tinha medo, ninguém dizia nada. Está tudo clandestino... O Sporting de Luanda deve ganhar o campeonato. Têm lá um miúdo que é uma maravilha.

 – Deixa o futebol, vamos comer – disse Sara.

 Atravessaram a rua, entraram na Casa dos Estudantes. No primeiro andar era a cantina. Foram passando por entre as mesas, cumprimentando os que já estavam instalados. Aníbal, numa mesa do fundo, fez-lhes sinal. Sentaram-se com ele. Malongo perguntou logo:

 – Em Lisboa a esta hora, Aníbal? Desertaste ou quê?

 – Consegui licença de dois dias. Tenho aí uns assuntos a tratar.

 Aníbal, que mais tarde seria conhecido por Sábio, era aspirante miliciano. Tinha terminado no ano anterior o curso de Histórico-Filosóficas e fora fazer o serviço militar obrigatório. Depois da recruta em Mafra, foi afetado a uma unidade de infantaria perto de Lisboa. Todas as semanas aparecia na Casa para rever os amigos. Como sempre, estava à civil. Farda só no quartel, dizia ele, pouco à vontade no seu papel de militar. Sara pediu notícias da terra.

 – Sei pouca coisa. Só que estão a seguir barcos e mais barcos com tropas. Uma série de oficiais que fizeram a recruta comigo já foram e outros estão mobilizados. São as unidades inteiras que vão.

 – E tu? – perguntou Malongo. – Também vais?

 – A minha unidade ainda não foi mobilizada.

 – E se for? Também vais?

 – Não são perguntas que se façam, Malongo – disse ele, ríspido.

 – Lá no quartel diz-se que se prepara uma contraofensiva para recuperar todo o Norte. Estão a concentrar as tropas em Luanda para avançarem contra os Dembos, ali é que a coisa está feia. Mas ainda deve durar. Não é dum dia para o outro que conseguem juntar a tropa suficiente para ocupar todo o Norte, um território duas ou três vezes maior que Portugal. E aquelas matas... Eu tinha um tio em Nambuangongo, fui lá passar férias algumas vezes. Hum, é só floresta e mais floresta. Uma guerrilha bem organizada ali resiste toda a vida.

 – E o teu tio? – perguntou Sara.

 – Os meus pais não sabem nada dele. Aliás, parece que em Luanda ninguém sabe de nada. Ele tinha uma pequena roça de café, coisa bem pequena e sempre ameaçada pelos vizinhos, fazendeiros portugueses, que lhe queriam apanhar as terras. Sabe-se que a UPA ataca os trabalhadores dos fazendeiros brancos, que geralmente são do Huambo, da terra aí do Vítor. Mas não sei se ataca também os fazendeiros negros originários da região.

 – É capaz de ter aderido à UPA – disse Vítor.

 – Quem sabe? – disse Aníbal. – Mas conta lá, Malongo. O teu Benfica vai apanhar domingo no Porto, não?

 – Deixa lá disso, o Benfica está no máximo. Apesar de eu não ir nem como suplente. Isso eu não entendo. Treino sempre, estou em grande forma. Mas só me põem a jogar nas reservas. Deve haver aí alguma pemba contra mim.

 A conversa derivou para o futebol, alimentada por Aníbal e Malongo. Sara entendeu, Aníbal não queria falar de coisas sérias com os outros. Malongo para ele era apenas um futebolista e com poucas ideias na cabeça, isso lhe dissera um dia abruptamente quando ela começou a namorar com o malanjino. Não entendo, Sara, o que tu, quase médica, vês nesse moço. Está bem que ele é simpático, é capaz de ser bonito, mas é tão vazio... Sara conhecia Aníbal desde que chegara a Lisboa. A um momento dado até admitiu a hipótese de criarem uma ligação que ultrapassasse a simples amizade. Mas ele não tentou nada e como mandava a tradição que fosse o macho a avançar, ficaram sempre por aí. Muitas conversas, idas ao cinema. Só. Quanto a Vítor, para ele era um miúdo ainda indefinido, podia explicar-lhe umas coisas, mas não se aventurava em terrenos mais secretos. Só com ela se abria. Sara abstraiu da conversa futebolística que não lhe interessava e ficou a observar a sala.

 As mesas estavam todas ocupadas, aos grupos de quatro. A maioria era de angolanos, todos misturados, brancos, negros e mulatos, estes bem mais numerosos. Os cabo-verdianos, que se misturavam facilmente com os angolanos, eram quase exclusivamente mulatos. Os guineenses e são-tomenses, mais raros, eram negros. Os moçambicanos eram na quase exclusividade brancos. E tinham tendência de se juntar aos grupos. Mesa unicamente constituída por brancos, já se sabia, era de moçambicanos. A *british colony*, como diziam ironicamente os angolanos. Claro que havia exceções, como aquela mesa em que Belmiro, um negro guineense, estava sentado com três brancos moçambicanos. Mas isso porque Belmiro chegou atrasado e o único lugar vago era naquela mesa. Se pudesse escolher, ia para outra, até porque a conversa certamente estava mais emperrada que normalmente. Os angolanos tinham menos desses problemas, apesar dos últimos acontecimentos. No entanto, ela sentia, havia muito subtilmente uma barreira que começava a desenhar-se, algo ainda indefinido afastando as pessoas, tendendo a empurrar alguns brancos angolanos para os grupos de moçambicanos. A raça a contar mais que a origem geográfica? Oh, já estou a ver fantasmas. Ela própria não notara, ao aproximar-se de grupos angolanos, algumas caras mais fechadas, conversas interrompidas? Sim, havia. Era normal. Em Angola tudo estava a tender para uma guerra racial, havia uma repressão seletiva. Isso provocava reflexos em Lisboa.

 Terminaram o almoço e foram os quatro para o Rialva. Malongo encomendou três bicas, para os outros, e um iogurte para ele. Um atleta não devia tomar café nem vinho. Cumpria esses preceitos, queria ser titular do Benfica. Mas fumava às escondidas do clube, não podia evitar. Quando Sara lhe mostrava a incoerência dessa atitude, ele ria, como tu fumas eu também tenho de o fazer, senão seria horrível beijar-te, ia sentir o teu cheiro de tabaco. E tomava umas canecas de cerveja, não faz mal, a cerveja tem pouco álcool.